

Verbivocovisualidade e tecnografismo em práticas tecnodiscursivas: sentidos em construção no Instagram

Verbivocovisuality and technographism in technodiscursive practices: meanings in construction on Instagram

Dayse Maciel Santos ¹ 
Sonia Virginia Martins Pereira ² 

RESUMO

O presente artigo buscou analisar a construção de sentidos em posts no Instagram a partir do uso do tecnografismo (compósito verbo-íônico característico das produções nativas digitais). A partir dos aportes teóricos de Mitchell (1986), Santaella (2007; 2015), Brait (2013), Paula e Serni (2017), Paula e Luciano (2020) e Paveau (2020; 2022), discute-se a integração das dimensões verbal, visual e sonora em uma enunciação material visual que redefine os modos de produção textual no ambiente digital. Com metodologia qualitativa e abordagem descritivo-interpretativa, foram selecionados e analisados dez posts relacionados aos ataques racistas sofridos pelo jogador Vinícius Júnior, afiliados pela hashtag militante #racistasnãopassarão, enfocando os recursos tecnolinguageiros utilizados na construção discursiva do ciberativismo antirracista. Os resultados revelaram o uso recorrente de práticas como a incrustação textual, manipulação de imagens e inserção de recurso sonoro, produzindo um discurso plurissemiótico que potencializa os efeitos de sentido e a força persuasiva das publicações analisadas. A pesquisa evidencia que o tecnografismo, ao articular aspectos linguageiros e tecnológicos, revela a plasticidade das produções digitais e desafia perspectivas analíticas centradas na separação entre códigos semióticos. Ao considerar a tridimensionalidade verbivocovisual dos enunciados, propõe-se uma percepção integrada das materialidades tecnolinguageiras. Foi possível concluir que o tecnografismo se consolida como prática tecnodiscursiva central na rede social Instagram, contribuindo para a construção de novos efeitos de sentido e para o fortalecimento de movimentos sociais, como o ciberativismo antirracista, em um ecossistema digital.

Palavras-chave: Verbivocovisualidade. Tecnografismo. Enunciação material visual.

ABSTRACT

This article aimed to analyze the construction of meaning in Instagram posts through the use of technographism (a verbo-iconic composite characteristic of native digital productions). Drawing on the theoretical contributions of Mitchell (1986), Santaella (2007; 2015), Brait (2013), Paula e Serni (2017), Paula e Luciano (2020), and Paveau (2020; 2022), it discusses the integration of verbal, visual, and auditory dimensions into a material visual enunciation that redefines modes of textual production in the digital environment. Using a qualitative methodology and a descriptive-interpretative approach, ten posts were selected and analyzed. These posts were related to the racist attacks suffered by the football player Vinícius Júnior and were affiliated through the activist hashtag #racistasnãopassarão, focusing on the technolinguistic resources employed in the discursive construction of anti-racist cyberactivism. The results revealed the frequent use of practices such as textual incrustation, image manipulation, and sound insertion, producing a plurisemiotic discourse that enhances both the meaning effects and the persuasive power of the analyzed publications. The study shows that technographism, by articulating linguistic and technological aspects, reveals the plasticity of digital productions and challenges analytical perspectives based on the separation of semiotic codes. By considering the verbivocovisual tridimensionality of utterances, the research proposes an integrated perception of technolinguistic materialities. It concludes that technographism has become a central tecnodiscursive practice on the social network Instagram, contributing to the construction of new meaning effects and to the strengthening of social movements such as anti-racist cyberactivism within the digital ecosystem.

Keywords: Verbivocovisuality. Technographism. Visual material enunciation.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife/PE, Brasil. E-mail: dayse.msantos@ufpe.br.

² Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife/PE, Brasil. E-mail: sonia.mpereira@ufpe.br.

1 INTRODUÇÃO

As práticas comunicativas endêmicas das mídias digitais provocam o surgimento de novas demandas aos estudos da linguagem em uso, visto que estamos testemunhando inovadoras dinâmicas de interação que suscitam a produção de conhecimentos relativos às formas como produtor, texto e leitor interagem. Diante da expansão dos usos de tecnologias digitais, tornam-se possíveis a produção, a circulação e o consumo de uma grande variedade de textos desenvolvidos a partir do aparato tecnodiscursivo específico de novos contextos digitais que surgem, em decorrência do aperfeiçoamento dos recursos tecnológicos. Nos espaços digitais on-line, esses variados recursos estão disponíveis e materializam textos que integram as formas técnicas e languageiras indissociavelmente para a construção de sentidos. Isso evidencia que o advento da internet proporcionou inevitavelmente o surgimento de espaços digitais de intensa interação social nos quais circulam discursos voltados às peculiaridades do universo virtual.

Os textos elaborados on-line nos espaços de escrita e com as ferramentas oferecidas pela internet possuem, como defende Marie-Anne Paveau (2022), uma dimensão tecnodiscursiva, ou seja, as produções languageiras e discursivas estão intrinsecamente relacionadas às ferramentas tecnológicas. As ações humanas integram-se à tecnologia da informática, promovendo a criação de textos, denominados nativos digitais (Paveau, 2022), constituídos por múltiplos elementos tecnolinguageiros que se combinam produzindo sentidos. Neles, a imagem assume papel central e surgem variadas representações imagéticas, elaboradas a partir de sofisticados mecanismos de produção textual. Diante dessa emergência de usos tecnolinguageiros na produção de sentidos, destaca-se a prática do tecnografismo, definido por Paveau (2022, p. 341) como “uma produção semiótica que associa texto e imagem num compósito nativo da internet”. Esta já faz parte da forma de expressão digital correntemente e está amplamente presente em publicações de usuários da internet, nos espaços de escrita da web 2.0. A partir do seu uso, cria-se um compósito texto-imagem e as duas ordens semióticas tornam-se uma só, construindo, assim, uma enunciação material visual (Paveau, 2022).

Nesse sentido, buscando compreender essa nova forma de organização dos códigos semióticos, específicos do ambiente digital, o presente trabalho teve como objetivo investigar o uso do tecnografismo, especialmente a partir de imagens, para a construção de sentidos na rede social *Instagram*. Com base na revisão de estudos teóricos de Mitchell (1986), Brait (2013), Santaella (2007; 2015), Paula e Serni (2017), Paula e Luciano (2020) e Paveau (2022), selecionamos, através da ferramenta de busca disponibilizada pelo *Instagram*, o corpus, composto por dez posts afiliados pela hashtag #racistasnãoapassarão, voltados ao movimento de combate ao racismo e que abordam o caso dos ataques racistas contra o jogador de futebol Vinícius Júnior. A pesquisa desenvolvida foi de natureza qualitativa, utilizando o método descritivo-interpretativista, com análise comparativa entre os textos selecionados.

O artigo foi organizado de forma a demonstrar claramente o nosso percurso investigativo. Para tal, primeiramente, retomamos brevemente discussões sobre o papel da imagem na construção de sentidos, a partir de reflexões propostas por Mitchell, na área dos estudos visuais, e de Santaella, no campo da semiótica, estabelecendo um diálogo teórico com os estudos de Brait e Paula, na exploração das dimensões da

verbivocovisualidade³, especialmente à luz da teoria desenvolvida pelos teóricos do chamado Círculo de Bakhtin. Em seguida, explicitamos a definição de tecnografismo, esclarecendo as discussões propostas por Paveau, na Análise do Discurso Digital, sobre a construção de uma enunciação material visual. Por fim, apresentamos os resultados da análise realizada, destacando, nas considerações finais, como ficam evidentes, nos posts, as reflexões teóricas apresentadas e apontando a necessidade de continuar investigando práticas tecnodiscursivas, como o tecnografismo, que permitem uma nova forma de organização dos códigos semióticos e criam novas possibilidades de construção de sentidos, nos discursos nativos digitais.

2 A PARTIR DA IMAGEM: VERBIVOCVISUALIDADE, UMA QUESTÃO PARA OS ESTUDOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS

Pesquisas dedicadas ao verbal e ao visual, isoladamente, foram amplamente desenvolvidas e receberam grande atenção em diversas áreas do conhecimento. Visando investigar como essas dimensões divergem e dialogam, no campo dos estudos visuais, destacam-se as pesquisas de Mitchell. Na obra intitulada *Iconologia* (1986), considerada seminal sobre o tema, ele se propõe a refletir especialmente acerca de duas questões centrais: o que é uma imagem e qual é a diferença entre imagens e palavras. Segundo o autor, a obra é um estudo sobre o logos (palavras, ideias, discursos ou ciência) dos ícones ou símbolos. Seria, portanto, a “retórica das imagens”, em dois sentidos. Primeiramente, trata-se de um estudo a respeito “do que dizer sobre as imagens” e Mitchell (1986, p. 13 e 14, tradução nossa) explica que

[...] as imagens propriamente ditas não são estáticas, estáveis ou permanentes em nenhum sentido metafísico; elas não são percebidas da mesma forma pelos espectadores, assim como as imagens dos sonhos; e elas não são exclusivamente visuais em nenhum aspecto importante, mas envolvem apreensão e interpretação multisensoriais.⁴

Além disso, a obra também é um estudo sobre “o que as imagens dizem”, discorrendo sobre as maneiras pelas quais elas parecem falar conosco, persuadindo, contando histórias ou descrevendo algo. Mitchell (1986, p. 9, tradução nossa) argumenta que “talvez seja melhor começar pensando em imagens como uma família numerosa que migrou no tempo e no espaço e passou por profundas mutações no processo”⁵. A referida obra é dedicada às coisas que as pessoas dizem sobre imagens e não é voltada essencialmente a analisar imagens específicas, mas, sim, à forma como encaramos a ideia do imagético.

O pesquisador sublinha que seu objetivo é ampliar, de maneira geral, as pretensões interpretativas da iconologia, propondo que se considere a ideia da imagem como tal. Assim, o autor dedicou-se a mostrar o funcionamento da noção de imagético como uma espécie de dispositivo que conecta as teorias da arte, linguagem e mente às concepções

³ Como explicam Paula e Serni (2017), o termo foi cunhado por James Joyce e utilizado, de maneira metafórica, por Décio Pignatari para tratar da linguagem da poesia concreta. Também é utilizado pelas pesquisadoras de maneira metafórica por abranger e explicitar as dimensões constitutivas da linguagem, como pensada pelo Círculo de Bakhtin.

⁴ “[...] images are not stable, static, or permanent in any metaphysical sense; they are not perceived in the same way by viewers any more than are dream images; and they are not exclusively visual in any important way, but involve multisensory apprehension and interpretation.”

⁵ “It might be better to begin by thinking of images as a far-flung family which has migrated in time and space and undergone profound mutations in the process.”

de valor social, cultural e político. Ao tecer reflexões sobre a pergunta “o que é uma imagem?”, Mitchell (1986, p. 9, tradução nossa) defende que

As imagens não são apenas um tipo específico de signo, mas algo como um ator no palco histórico, uma presença ou um personagem dotado de status lendário, uma história que se relaciona e participa das histórias que contamos a nós mesmos sobre nossa própria evolução de criaturas “feitas à imagem” de um criador, para criaturas que fazem a si mesmas e ao mundo à sua própria imagem.⁶

Paulatinamente, numerosos estudos passaram a investigar a relação que incluem as dimensões verbal, visual e sonora da linguagem, dada a emergência de textos formados por diferentes materialidades que interferem na produção de sentidos, como os posts no *Instagram* analisados no presente estudo. No Brasil, podemos citar as pesquisas de Beth Brait voltadas à relação de duas dessas dimensões, verbal e visual, na construção de sentidos. Brait (2013), aprofundando o tema, ao discutir a verbo-visualidade, em perspectiva dialógica, afirma que a dimensão verbo-visual de um enunciado, de um texto, pode ser conceituada como aquela na qual ambas as linguagens exercem uma função na constituição de sentidos, de efeitos de sentido. Dessa forma, a autora argumenta que as linguagens devem ser consideradas em sua sincronicidade, uma vez que vistas sob dimensões distintas, perde-se uma parte do plano de expressão e, assim, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado, tendo em vista que, como afirma a própria Brait (2013, p. 44), “ele se dá a ver/ler, simultaneamente”.

A linguista analisou a verbo-visualidade presente em diferentes textos, a partir da aplicação do pensamento bakhtiniano e dos demais membros do Círculo para o estudo do visual. Com base nas palavras de Volóchinov, sobre a relação que se estabelece entre as duas linguagens, Brait (2013, p. 50) afirma que um estudo verbo-visual procura explicar “o verbal e o visual casados, articulados num único enunciado [...] organizados em um único plano de expressão, numa combinatória de materialidade, numa expressão material estruturada...”. Nesse entendimento, a linguista alia-se ao pensador russo, que comprehende a interação discursiva, em qualquer esfera de atividade humana, seja religiosa, midiática, jurídica, entre outras em sua concretude, visto que não se realiza através da “palavra abstrata e nua”, mas, movimentada por meio do “enunciado concreto” (Volóchinov, 2019, p. 128-129). Em consequência, sendo o enunciado portador de duas partes, em sua constituição - verbal e extraverbal -, analisar as interações requer ultrapassar o “lado puramente verbal do enunciado” (Volóchinov, 2019, p. 118), uma vez que não se pode ignorar a dimensão não linguística constitutiva dos atos enunciativos.

Santaella também desenvolveu estudos voltados a discutir o papel da imagem na construção de sentidos, presente em diferentes linguagens. Em um de seus trabalhos, explorando a temática, Santaella (2015, p. 12) disserta sobre a complexidade que o estudo da imagem envolve e afirma que “hoje, as imagens não são mais apenas cópias. Graças à inversão icônica promovida pelo digital, elas são modelos em direção aos quais fugimos para nos libertarmos dos nossos defeitos e sermos melhores, mais belos e mais vivos”.

A pesquisadora reconhece a relevância dos estudos críticos sobre o tema que comprehendem que a multiplicação das linguagens ocorreu dentro da lógica de aceleração do modo de produção capitalista. Ela explica que, de acordo com as teorias críticas da imagem, as linguagens e as mídias, nas quais as imagens se corporificam são,

⁶ Images are not just a particular kind of sign, but something like an actor on the historical stage, a presence or character endowed with legendary status, a history that parallels and participates in the stories we tell ourselves about our own evolution from creatures “made in the image” of a creator, to creatures who make themselves and their world in their own image.

acima de tudo, mercadorias. Assim, não é possível separá-las da ordem da industrialização e pós-industrialização da cultura. No entanto, aponta que o problema da crítica é quando ela se transforma em mera repetição, com argumentos esvaziados, que servem a um processo de demonização das mídias digitais. Dessa forma, Santaella (2015, p. 13) defende que, embora as atividades críticas sejam fundamentais,

[...] não se pode ignorar que signos e imagens são os alimentos dos processos cognitivos, o que os faz merecedores de estudos voltados para as características de suas naturezas de linguagens e do papel que desempenham para o aprimoramento dos processos de cognição humana

Nesse sentido, a pesquisadora (2015, p.13) destaca a potência cognitiva das imagens e esclarece que “o espectro das imagens é muito amplo”, sendo elas verbais, mentais, perceptivas e representações visuais. Em seus estudos, ao se limitar às imagens perceptivas e às representações visuais, Santaella (2015, p. 14) esclarece que “dizer ‘linguagem’ e ‘representação visual’ significa remeter às formas visuais produzidas pelo ser humano [...] organizadas como linguagem”. Reafirma, baseada em trabalho anterior, a existência de três matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual e verbal. De acordo com Santaella (2015, p. 13),

A imagem não é apenas uma forma de linguagem, mas também se constitui em uma matriz do pensamento e da inteligência humana. As matrizes são irredutíveis. Cada uma delas- o som, a imagem e o verbo - não é substituível pela outra. O que uma realiza cognitivamente, a outra não pode igualmente realizar. Portanto, são matrizes que se complementam, se cruzam, se enroscam, se juntam e se separam. Cada uma delas sobrevive na sua autonomia, com características, potenciais e limites que lhe são próprias.

Objetivando compreender como o verbal, o imagético e o sonoro participam na construção de sentidos, Paula e Serni (2017, p. 179) estudam o sincretismo das três linguagens no gênero filme musical e esclarecem que “a verbivocovisualidade diz respeito ao trabalho de forma integrada, das dimensões sonoras, visuais e os sentidos das palavras [...]”. Nessa ótica, os autores apoiam-se em Bakhtin (2015, p. 48), que percebe diferentes nuances na produção de sentidos, pois

todo discurso concreto (enunciado) encontra o objeto para o qual se volta sempre [...]. O discurso voltado para o seu objeto entra nesse meio dialogicamente agitado e tenso de discursos, avaliações e acentos alheios, entrelaça-se em suas complexas relações mútuas, funde-se com uns, afasta-se de outros, cruza-se com terceiros; e tudo isso pode formar com fundamento o discurso, ajustar-se em todas as suas camadas semânticas, tornar completa sua expressão, influenciar toda a sua feição estilística.

Paula e Serni (2020, p. 707) compreendem a concepção de linguagem desenvolvida pelos autores do Círculo Bakhtiniano de forma tridimensional e defendem que

Os intelectuais se debruçaram sobre a palavra, entendida de forma alargada, ou seja, tridimensionalmente, uma vez que ela se articula e se realiza na interrelação das dimensões verbal (semântica), vocal (sonora) e visual (imagética), e que a verbivocovisualidade constitui a linguagem em qualquer materialidade enunciada, com maior ou menor vigor, como potencialidade a ser explorada, a depender do projeto arquitetônico autoral e genérico realizado.

Diferentemente de Brait, que propôs a concepção de enunciado verbo-visual diante da presença manifesta de duas dimensões da linguagem, como detalhado anteriormente, Paula e Luciano (2020) voltam-se à noção de linguagem quanto à

materialização dessa tridimensionalidade verbivocovisual em qualquer enunciado (de que material semiótico for). Dessa forma, Paula e Luciano (2020, p. 717) destacam que

[...] assim, mesmo um lexema verbal possui, em si, cunhado no signo verbal, uma dimensão acústica vocal/ sonora, entoativa, que engata o lexema na cadeia discursiva; e uma dimensão visual mental, que remete à situação de comunicação real. O mesmo ocorre com enunciados de outras materialidades.

Baseados nas palavras de Volóchinov, no ensaio “o que é linguagem?”, Paula e Luciano (2020, p. 713) explicam que “tudo o que está em nossa mente, a nossa própria consciência, é encarnado por algum material sínico, seja ele imagens, palavras, sons e até mesmo representações motoras [...].” Essa afirmação é relativa ao que Volóchinov chama de linguagem interior, como sustentam os autores. Na sua compreensão sobre a formação verbal da consciência, Volóchinov (2017, p. 94) assinala que

No interior do próprio campo dos signos, isto é, no interior da esfera ideológica, há profundas diferenças, pois fazem parte dela a imagem artística, o símbolo religioso, a fórmula científica, a norma jurídica e assim por diante. Cada campo da criação ideológica possui seu próprio modo de se orientar na realidade, e a refrata a seu modo. Cada campo possui sua função específica na unidade da vida social. Entretanto, o caráter sínico é um traço comum a todos os fenômenos ideológicos.

Dessa forma, no ambiente digital, também podemos considerar, como afirmam Paula e Luciano (2020, p. 714) que

[...] qualquer fenômeno que se manifeste como signo ideológico possui uma concretude material, não importa qual (cor, massa, som, corpo e etc). Fora da encarnação em um determinado material, o signo, a construção enunciativa, torna-se falsa e abstrata. De acordo com Volóchinov (2017), em Marxismo e Filosofia da linguagem, é preciso dado material organizado - no material ideológico da palavra, do signo, do desenho, das tintas, do som - para a expressão do fato objetivo.

As reflexões teóricas trazidas até o momento demonstram como a percepção do objeto de estudo linguístico-discursivo ampliou-se e se complexificou ao longo do tempo. Ao tratar especialmente das produções nativas digitais, podemos destacar as pesquisas de Paveau (2022), que propõe a Análise do Discurso Digital e discute uma percepção visual do texto. Ela retoma a obra de William Mitchell, defendendo que seus estudos possibilitaram ir além de uma visão dualista entre texto e imagem, ao propor a ideia de “uma virada visual” (após a virada linguística e narrativa), que determinaria predominantemente a produção intelectual e artística contemporâneas.

3 AS PRODUÇÕES NATIVAS DIGITAIS: TECNOGRAFISMO E ENUNCIAÇÃO MATERIAL VISUAL

Nas palavras de Paveau (2022, p. 344), Mitchell “define a cultura visual como uma abordagem perceptiva e avalia que a imagem organiza nossa percepção semiótica ou até mesmo domina a linguagem articulada[...].” Na esteira desse pensamento, a pesquisadora reflete sobre a provável influência da virada visual nas produções feitas online, promovendo uma articulação única entre imagem e texto e sublinha que

Na internet, numerosos elementos visuais testemunham de fato essa dominação da imagem sobre a linguagem, e podemos falar de uma enunciação material visual: material porque ela passa pela elaboração programável dos tecnografismos, e visual porque a imagem é predominante em relação ao texto, ao menos pelo formato de circulação (.jpg, .tiff ou qualquer outro formato de linguagem) (Paveau, 2022, p. 345).

Diante da nova forma como os códigos se integram nas produções on-line, Paveau (2022, p. 341), ao apresentar o conceito de tecnografismo, esclarece que, no universo da internet, ordens semióticas diferentes constituem-se simultâneas, indistinguíveis e indissociáveis. A linguista francesa, assim, destaca que, na internet, há uma prevalência da imagem sobre a linguagem e pode-se falar de uma enunciação material visual que passa pela elaboração programável dos tecnografismos. Estabelece-se, dessa maneira, uma percepção visual do texto a partir de um compósito texto-imagem que se apresenta de forma recorrente, como ressalta Paveau (2022, p. 342):

O tecnografismo já faz parte da expressão digital corrente e aparece em um grande número de publicações de internautas nos espaços de escrita da web 2.0. Se a pluressemioticidade é uma forma de transgressão notável da autonomia dos códigos nos espaços off-line frequentemente de natureza artística, on-line, ela é uma norma semiótica que se tornou comum [...].

A teórica apresenta uma tipologia para os tecnografismos e detalha algumas das formas mais frequentes on-line: avatar, banner, contador, botão, meme, cartaz, filtro e incrustação textual. As pesquisas desenvolvidas pela linguista foram relativas ao X, antigo Twitter, dessa forma, nem todas essas tipologias são próprias do Instagram. Quanto ao plano tecnodiscursivo, a prática do tecnografismo pode exercer várias funções, como, contornar limitações de formato e restrição de inscrição ou transmitir informações à distância. A nova forma de organização entre os códigos traz diferentes possibilidades de construção de sentidos e, como nos explica Paveau (2022, p. 342),

O sentido se produz no compósito formado por uma única ordem verbo-iônica (o tecnografismo), e não na articulação de duas ordens que dialogariam a partir de suas autonomias respectivas (como é o caso da fotografia e sua legenda, ou da pintura e seu título).

Dando continuidade a tal pensamento, com base nos estudos de Santaella, em uma obra dedicada à liquidez das linguagens em tempos de mobilidade, podemos destacar o que a pesquisadora salienta ao afirmar que, no universo digital, texto, imagem e som não são mais o que habitualmente eram, visto que “deslizam uns para os outros, sobrepõem-se, complementam-se, confraternizam-se [...].” Além disso, Santaella destaca que “toda a mistura de linguagens da multi e hipermídia está inegavelmente fundada sobre três grandes fontes básicas: a verbal, a visual e a sonora [...].” Ela explica que, no universo digital, essas três linguagens são refuncionalizadas, combinadas e retecidas em uma mesma “malha multidimensional” (2007, p. 320).

Paveau (2020, p. 33), ao discutir sobre como os códigos se organizam nas produções on-line, sublinha que “as fronteiras entre os códigos se reconfiguram nos ecossistemas conectados e os dispositivos técnicos permitem as formas compostas: a internet é, de fato, o lugar do multimídia⁷.” A forma como se relacionam diferentes elementos verbais, visuais e sonoros, nos textos digitais nativos, provoca o surgimento de desafios às ciências da linguagem. Através da integração entre sistemas semióticos como imagem fixa, imagem em movimento e som, enfatiza-se a natureza composta do discurso digital. Paveau (2022, p. 341) acrescenta que “uma das grandes evoluções trazidas pela internet [...] é essa

⁷ Como nos explica Paveau (2022, p. 341), ao citar Bouchardon et al (2011), a multimídia pode ser definida como a junção, em um mesmo suporte, de textos, imagens e sons manipulados conjuntamente.

dimensão multimidiática, reunindo códigos diferentes, antes distintos nas produções pré-digitais, em realizações intrinsecamente e simultaneamente plurissemióticas".

Como afirma Paveau (2022, p. 343), baseada no que aponta Gunther (2014), a digitalização renova a plasticidade e mobilidade da imagem, a partir da redução de sua materialidade. As imagens, convertidas em arquivos que são facilmente copiados ou manipulados, tornam-se fluidas. Paveau discute a iconização do texto a partir do exemplo da fotografia de texto. Ela ressalta que a prática da captura de tela de texto é uma forma de representar, efetivamente, traços tecnodiscursivos relevantes para a definição do texto e da textualidade. Ademais, Paveau (2022, p. 342-343) afirma que

Desenvolve-se cada vez mais, especialmente nas redes sociais, a prática da captura de tela de texto ou de fotografia de texto: num tuíte ou num status de Facebook, o internauta integra uma captura de tela ou uma fotografia de um excerto de texto, frequentemente com trechos sublinhados, para ilustrar ou apoiar seu discurso, ou transmitir uma informação.

As noções de tecnografismo, verbivocovisualidade e malha multidimensional convergem na busca de compreender a complexidade da articulação de linguagens nas produções digitais contemporâneas. O tecnografismo, como proposto por Paveau (2022), é um compósito verbo-icônico típico dos textos nativos da internet, no qual texto e imagem se fundem em uma única ordem semiótica, reconfigurando os modos de enunciação. Tal conceito dialoga com a perspectiva da verbivocovisualidade, defendida por Paula e Luciano (2020), que comprehende a linguagem em sua tridimensionalidade, verbal, vocal e visual, como constitutiva de qualquer enunciado. Ambas as concepções encontram apoio na ideia de malha multidimensional, defendida por Santaella (2007), na qual as linguagens verbal, visual e sonora se entrelaçam e se refuncionalizam no ambiente digital, estabelecendo novas formas de significação.

Dessa forma, as três abordagens teóricas podem ser consideradas complementares, permitindo que se compreenda como os recursos semióticos se imbricam na construção de sentidos em textos digitais, especialmente aqueles produzidos em plataformas de redes sociais, como o Instagram. Nesse sentido, o presente estudo buscou investigar o processo de construção de sentidos relacionados à manifestação e à integração das dimensões verbais, visuais e sonoras dos textos nativos da internet. Para tanto, foi analisado um corpus composto por posts no Instagram, tendo em vista que, na referida rede social, um ecossistema digital, circulam textos nos quais destacam-se elementos verbivocovisuais elaborados a partir da prática do tecnografismo.

4 METODOLOGIA

Com aporte em dispositivos analíticos da Análise do Discurso Digital, a pesquisa é de natureza qualitativa, sob metodologia descritivista-interpretativista, com análise comparativa entre os textos selecionados: dez publicados no Instagram, afiliados por meio da hashtag #racistasnãoopassarão, devido à natureza relacional dos discursos digitais nativos. É importante reafirmar, como explica Paveau, ao discorrer sobre os terrenos e métodos da análise do discurso digital, a necessidade de uma análise qualitativa dos discursos nativos da web, o que demanda escolhas metodológicas específicas. Ao detalhar as questões da posição do pesquisador e da apresentação de exemplos na abordagem da Análise do Discurso Digital, Paveau (2022, p. 44) argumenta que

a perspectiva ecológica impõe que se apresentem os exemplos no seu ambiente nativo, e o ideal seria, evidentemente, poder trabalhar com um navegador aberto, o que, naturalmente, não permitiria a publicação fora da rede. Assim, optamos por apresentar os exemplos na forma de captura de tela, o que é o mínimo ecológico necessário [...].

Dessa forma, o corpus analisado foi composto por capturas de tela dos posts para análises dos dados tecnolinguageiros no ecossistema digital da rede social Instagram. As publicações foram selecionadas por meio da ferramenta de busca da plataforma, de acordo com os critérios de inclusão e de exclusão que serão apresentados.

Como critérios de inclusão, foram considerados apresentados em perfis de influenciadores digitais, comunidades, grupos e organizações não governamentais relacionados pela inserção da hashtag *#racistasnaopassarão* e referentes ao caso do jogador de futebol Vinícius Júnior, alvo de ataques racistas, tendo em vista a grande repercussão do caso, que promoveu intenso debate sobre a luta antirracista nas redes sociais. A referida hashtag foi escolhida por sua presença recorrente em publicações que denunciam casos de racismo e exigem punição aos agressores.

Como critérios de exclusão, foram desconsiderados que, embora apresentassem a hashtag *#racistasnaopassarão* e fossem relacionados ao caso abordado, tivessem sido publicados em perfis com finalidades comerciais ou governamentais. Além disso, foram excluídas publicações nas quais, mesmo havendo a inserção da hashtag *#racistasnaopassarão*, o caso do jogador de futebol já citado não era abordado.

5 SENTIDOS EM CONSTRUÇÃO NO INSTAGRAM

Como discutido anteriormente, assumimos que até mesmo os enunciados considerados exclusivamente verbais, em sentido restrito, são dotados de dimensões não verbais que não estão explícitas. Aqueles que as manifestam explicitamente, como os posts, merecem ser observados em sua típica profusão verbivocovisual. Diante disso, realizamos as análises do corpus. Na primeira publicação, figura 1, é apresentada uma fotografia do jogador Vinícius Júnior que ocupa todo o espaço destinado à publicação, demonstrando como a imagem assume um papel privilegiado na constituição da publicação. Trata-se de um registro fotográfico capaz de transmitir movimento e gesto feitos pelo jogador para comemorar um gol marcado por ele em uma partida pelo seu time. A imagem de Vinícius ajoelhado, com o braço erguido e o dedo indicador levantado traz muitas possibilidades de construção de sentidos. Diante de seu posicionamento ao enfrentar os ataques racistas que sofreu, ele passa a ser visto como uma figura representativa na luta antirracista.

Como indica o ícone, que integra a materialidade visual e tecnográfica do texto, localizado no canto inferior direito da publicação, a música “Tá escrito”, composta por Xande de Pilares, Gilson Bernini e Carlinhos Madureira, foi adicionada ao post. A música, lançada em 2009 e interpretada pelo grupo de samba Revelação, se tornou um dos maiores sucessos do grupo. A letra da composição é dedicada a uma mensagem de incentivo a resistir diante das dificuldades da vida e apresenta, em seus versos, afirmações, tais como, “guerreiro não foge da luta e não pode correr” e “Ninguém vai poder atrasar quem nasceu pra vencer” que denotam um tom motivacional e de superação, voltado especialmente a pessoas em situação de luta, sofrimento ou desânimo. Sua mensagem central é a de que a dor é passageira, e que a perseverança e a fé conduzem à “vitória”,

mesmo diante da adversidade. Na canção, pode-se perceber uma postura discursiva inclusiva e empática, buscando fortalecer o ânimo do ouvinte.

A música “Tá escrito”, ao ser associada a Vinícius Júnior, por meio do tecnografismo, em um contexto de ataques racistas, atua como um gesto de resistência simbólica. Ela transforma a dor em força coletiva, afirma a legitimidade da luta e reposiciona o atleta como figura de vitória, não como vítima passiva, mas como sujeito que desafia as estruturas racistas com dignidade. É pertinente pontuar que a inserção da música ao post, além de ser sinalizada pelo ícone de representação sonora no canto direito inferior da imagem, é indicada verbalmente, na parte superior do post, pelo símbolo de uma nota musical, o nome da canção e do grupo que a interpreta. Dessa forma, pode-se observar que especialmente o compósito imagem e som potencializa o propósito de enaltecer a postura de Vinícius Júnior, coconstruindo sentidos na materialidade verbivocovisual do enunciado.

Figura 1: fotografia de comemoração pela vitória em um campeonato



Fonte: perfil do político Leanderson Sarrá no *Instagram*⁸

Na figura 2, pode-se observar como a fotografia de Vinícius Júnior, representada na imagem 1, foi transformada em ilustração gráfica, uma estilização digital da imagem, forma de produção artística que tem se tornado popular no ambiente digital e que demonstra a acentuada plasticidade da imagem, como sublinha Paveau (2022). No post, o plano de fundo original foi retirado e a imagem está inserida em um fundo branco, o que faz com que ela esteja ainda mais em destaque. Tais transformações, considerando o contexto dos ataques racistas sofridos pelo jogador, contribuem para reforçar seu valor simbólico e para destacá-la como representação não meramente realista, o que intensifica seu impacto visual e discursivo no post. Nesse sentido, destacamos o que afirma Santaella (20) ao afirmar que, no ambiente digital, as imagens deixam de ser meras representações da realidade e passam a funcionar como modelos idealizados que orientam a construção de si e a busca por aperfeiçoamento.

Além disso, outra alteração significativa é a inserção de uma música internacional “Money Trees”, de Jay Rock, um rapper norte-americano que retrata as dificuldades enfrentadas por jovens de periferias urbanas. A referida canção pode ser considerada uma reflexão poética e crítica sobre como jovens marginalizados lidam com a busca pelo enriquecimento, enfrentando escolhas morais, violência, traumas e a sedução do dinheiro

⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C7sDV16plsd/?igsh=MWp5NzQxZG5oaDhhMQ==>. Captura de tela em: 18 maio 2024.

como suposta salvação. Nesse compósito, a escolha da música contribui significativamente para a ampliação do campo de sentidos mobilizado pela publicação. A letra da canção, que retrata as tensões vividas por jovens negros nas periferias dos Estados Unidos diante da violência, da pobreza e das promessas de ascensão econômica, estabelece um paralelo com a experiência do jogador brasileiro, que também enfrenta, apesar de seu sucesso, a permanência de estruturas discriminatórias e racistas.

Ao inserir a música nesse contexto visual, o post articula elementos que, em conjunto, reforçam a crítica social implícita na publicação. A canção opera como um recurso semiótico que desloca o foco da narrativa individual para uma dimensão coletiva e estrutural, permitindo que a experiência de Vinícius Júnior seja compreendida não como um caso isolado, mas como expressão de um problema sistêmico. Segundo Oliveira (2021), o racismo estrutural no Brasil deve ser compreendido como um processo histórico e político, articulado à lógica de superexploração do trabalho e à colonialidade do poder, e não se reduzindo a manifestações individuais ou ideológicas. Em entrevista recente, ele explicou que “o racismo estrutural deve ser discutido a partir das profundezas, não das superfícies” (Nonato; Félix, 2025, p. 199). Essa articulação evidencia a força dos tecnodiscursos na produção de significações críticas e politicamente implicadas nas redes.

Figura 2: ilustração feita a partir da fotografia do jogador comemorando



Fonte: perfil do artista digital ridzdigitalart no Instagram⁹

Diversificadas formas de representação do jogador puderam ser observadas durante a seleção do corpus, o que constata a acentuada profusão e plasticidade das dimensões verbivocovisuais nos textos digitais nativos. Diante da grande disponibilidade de ferramentas que podem ser utilizadas para alcançar diferentes efeitos gráficos, são elaboradas novas versões de imagens pré-existentes, alterando cores, formato ou acrescentando elementos, por exemplo, elaboradas graficamente. Como sublinhado por Mitchell (1986), as imagens parecem falar conosco, construindo narrativas, convencendo-nos.

Na ilustração seguinte, figura 3, a imagem do jogador é representada em preto e branco com um efeito chamado de cartoon. No fundo preto, destaca-se o tracejado branco do desenho da figura do jogador (outra vez representado com o dedo indicador erguido). Nela, é acrescentada uma incrustação textual, forma muito comum de

⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C76XzAVJRce/?igsh=emJtMW16bzY4bnZv>. Captura de tela em: 18 maio 2024.

tecnografismo, “vou até o fim contra os racistas”, que parece manifestar verbalmente o que é retratado na expressão do atleta representada na imagem.

Por fim, uma música, “Racistas otários”, do grupo Racionais, é adicionada à publicação. Na letra da canção, interpretada por um famoso grupo de *rap*, é feito um apelo para que os racistas deixem as pessoas negras em paz. A música é uma manifestação artística e política que denuncia com contundência o racismo estrutural brasileiro e reivindica o reconhecimento da experiência negra como parte legítima da história social do país. Ao afirmar que “o Brasil é racista”, os autores rompem com o discurso hegemônico da democracia racial e expõem a naturalização da violência contra a população negra. A letra constrói uma narrativa de enfrentamento, em que o eu lírico interpela diretamente os agentes do racismo: “A sua paz é a nossa guerra, a sua lei é a nossa cela”. Essa inversão revela a perversidade de uma ordem jurídica e social que opera seletivamente, criminalizando os corpos negros e legitimando a repressão como forma de controle. Ao declarar “o preto no topo, o povo na cena”, os Racionais afirmam a potência da luta negra, a dignidade de sua trajetória e a urgência de sua presença em espaços historicamente negados. Nesse sentido, a canção mobiliza linguagem, memória e identidade como formas de resistência e afirmação de um sujeito coletivo que se recusa a silenciar diante da exclusão e da violência.

Essa crítica incisiva ao racismo, feita há mais de três décadas, permanece atual e se torna ainda mais significativa diante de episódios como os ataques racistas sofridos pelo jogador Vinicius Jr. em estádios europeus e nas redes sociais. O que a música denuncia como “a sua lei é a nossa cela” ecoa na forma como o sistema esportivo, midiático e jurídico reagiu com morosidade ou complacência diante da violência racial, reforçando estruturas de silenciamento e impunidade. A presença de Vinicius, um jovem negro brasileiro em destaque internacional, simboliza exatamente aquilo que a música reivindica: “o preto no topo”, e por isso mesmo, desperta reações violentas de setores que se recusam a ver corpos negros ocupando espaços de visibilidade, prestígio e poder. A associação entre a canção dos Racionais e a experiência de Vinicius Jr. evidencia como o racismo é um fenômeno estrutural, atravessando tempos, instituições e territórios, e como a arte e a performance pública de figuras negras se tornam instrumentos de denúncia e afirmação coletiva. Ambas as manifestações, a música e a postura de Vinicius, convocam a sociedade a reconhecer, nomear e enfrentar o racismo em sua complexidade e残酷za cotidiana.

Assim, mais uma vez, no *post*, é possível observar a verbivocovisualidade materializada manifestar-se conjuntamente. Essa junção cria possibilidades únicas de efeitos de sentido e se mostra pertinente retomar as reflexões teóricas de Santaella, ao afirmar que as três linguagens são combinadas em uma “malha multidimensional”, de Paveau, sobre o contínuo entre linguageiro e tecnológico, que marca a natureza de texto/discurso digitais, e de Paula, ao assinalar a natureza tridimensional, de perspectiva bakhtiniana.

Figura 3: imagem com efeito de cartoon

Fonte: perfil do desenhista Túlio Campos no Instagram¹⁰

Várias formas de tecnografismo são desenvolvidas, alterações na imagem contribuem para que sejam agregadas novas possibilidades de sentido e outras vozes sejam evocadas e representadas a partir de elementos acrescentados às imagens e de alterações feitas em produções pré-existentes. Podemos observar, na figura 5, uma fotografia de Vinícius Júnior compartilhada no Pinterest, que é apresentada como uma plataforma de descoberta visual. Nela, é utilizado um mecanismo de busca de ideias, a partir de imagens. Na referida fotografia, o jogador está com a camisa levantada e o abdômen à mostra. Essa imagem foi alterada e passou a constituir um post na plataforma Instagram.

Na nova versão, como mostrado na figura 5, foi simulado que o atleta está utilizando uma camiseta branca com a frase “que Deus perdoe essas pessoas ruins”. Essa mensagem, também escrita em uma camiseta branca e usada por outro jogador de futebol, conhecido como “Adriano Imperador”, como pode ser observado na figura 6, repercutiu na mídia há mais de 10 anos e se tornou muito popular. A modificação realizada, a partir de uma ferramenta tecnológica, exemplifica como a fronteira entre os códigos é reorganizada e, como explica Paveau, é produzido um “compósito multimidiático” com as duas ordens semióticas tornando-se uma só.

¹⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CsjDRhZuBAX/?igsh=MWh1aDhlOTV6cXQ1OA==>. Captura de tela em: 17 jun. 2024.

Figura 4: fotografia do Pinterest



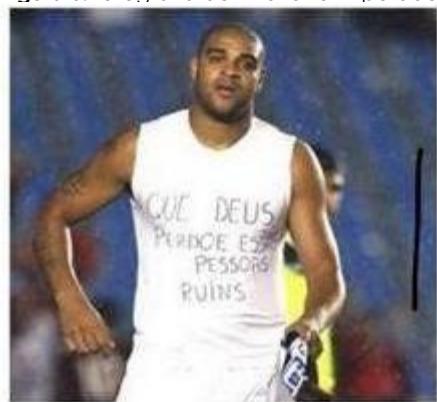
Fonte: perfil Real Madrid Art no Pinterest¹¹

Figura 5: fotografia alterada postada no Instagram



Fonte: perfil TUDO SOBRE CRF no Instagram¹²

Figura 6: fotografia de "Adriano Imperador"



Adriano Imperador — Foto: Reprodução

Fonte: reportagem d'O Globo¹³

¹¹ Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/232287293273088233/>. Captura de tela em: 17/06/2024.

¹² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C7sH8b1uLxa/?igsh=czdrczcldDNwbzly>. Captura de tela em: 17 jun. 2024.

¹³ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/futebol/flamengo/noticia/2023/11/16/deus-perdoe-essas-pessoas-ruins-frase-de-gabigol-foi-tatuada-por-adriano-imperador-ex-do-flamengo-entenda.ghtml>. Captura de tela em: 17 jun. 2024.

A imagem de Vinicius Júnior modificada aparece em vários posts no Instagram, acompanhada de outros códigos semióticos que ampliam seus efeitos de sentido. Novamente, como pode ser observado na figura 7, o post é constituído também por som, com a inserção de uma canção de temática antirracista, que contribui para a construção de um tom de enfrentamento e afirmação. Além disso, destacamos o acréscimo de uma incrustação textual: “o sucesso é bem melhor, quando ninguém acredita em você”. Essa frase adquire forte carga enunciativa quando relacionada à trajetória do jogador, que enfrentou episódios recorrentes de racismo, especialmente após atingir projeção internacional. O enunciado funciona como comentário irônico e provocador, transformando a violência simbólica sofrida em motor de superação e reafirmação da identidade negra. A frase reforça a ideia de que o sucesso de Vinicius Júnior, longe de ser um acaso, é um ato de resistência frente às tentativas de apagamento, desprezo ou deslegitimização de sua presença em espaços de prestígio e poder. Assim, a incrustação textual ressignifica a imagem do jogador, articulando passado de exclusão e presente de visibilidade em uma narrativa de enfrentamento, orgulho e persistência.

Figura 7: post com imagem alterada, incrustação textual e música



Fonte: perfil capcutfut no Instagram¹⁴

Ao reunir diferentes recursos semióticos, observa-se a plurissemioticidade característica dos discursos nativos digitais e materializam-se as dimensões verbivocovisual de maneira evidente. Tendo em vista que essas postagens são afiliadas pela hashtag #racistasnãoopassarão e são direcionadas ao movimento militante antirracista nas redes sociais, vale ressaltar que essas dimensões se integram e potencializam os efeitos de persuasão das publicações. Dessa forma, podemos considerar que as diferentes dimensões manifestas funcionam conjuntamente para a construção do discurso antirracista.

Conforme argumenta Sueli Carneiro (2023), o racismo atua como dispositivo de racialidade que fragmenta o campo biológico, diferenciando quem deve viver e quem deve morrer (p. 58), e que institui uma ontologia da diferença, na qual a branura é normatizada como humanidade (p. 31). Esse dispositivo estrutura-se como um contrato racial entre brancos com o propósito de subordinação dos não-brancos (p. 138),

¹⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C7hsXbsOnip/?igsh=NTN3eWNvN2o0dm1s>. Captura de tela 17 jun. 2024.

amparado por uma lógica de biopoder racializado que permite o extermínio simbólico ou real das populações negras (p. 61). Essa perspectiva é particularmente relevante para analisar postagens antirracistas nas redes sociais, pois estas funcionam como atos discursivos insurgentes que contestam e deslocam o dispositivo racial vigente, propondo enunciações públicas de visibilidade, solidariedade e legitimidade epistemológica negra.

Também foi possível verificar, a partir da observação dos posts, a recorrência da prática da captura de tela de texto ou de fotografia de texto. Paveau (2022) destaca essa prática, sobretudo nas redes sociais, e, ao definir o tecnografismo como um compósito multimidiático, discorre sobre a iconização do texto, a partir do exemplo da fotografia de texto. Como está representado na figura 11, a captura de tela de uma publicação vinda de outra rede social é sobreposta à fotografia do jogador e elas se fundem. Essa fusão é uma prática corrente, como afirma a linguista francesa. No texto verbal, em caixa alta, a expressão “GRANDE DIA” introduz o relato sobre a condenação de três torcedores que cometaram atos racistas contra o jogador Vinícius Júnior. A imagem do atleta ao fundo, com o braço erguido, combinada à notícia da punição dos agressores, reforça o tom de celebração do post, que se configura como um ato simbólico de reação ao racismo, reconhecido como crime e que, por isso, deve ser tratado como tal.

Além disso, como observado de forma recorrente em nossas análises, uma música é incorporada ao post, a famosa canção de hip hop, “Pantera negra”, composta em 2018 por Emicida e Felipe Vassão. A composição evoca símbolos históricos e culturais da luta antirracista, construindo um discurso que afirma a ancestralidade e a força coletiva do povo negro. Ao declarar “sou quilombo, sou Palmares, sou o grito”, o enunciador vincula-se diretamente à memória de insurgência dos povos escravizados, invocando o Quilombo dos Palmares como marco da luta contra a opressão. A recusa à lógica da assimilação emerge no verso “nós sangramos tentando ser aceito / mas agora entendemos que ser aceito é um erro”, que denuncia os mecanismos de apagamento e domesticação impostos pela branquitude. Já a afirmação “cês não vão mais nos calar, o futuro é preto” projeta um horizonte de transformação radical, em que a presença negra ocupa, com legitimidade e orgulho, os espaços historicamente negados. Essa mensagem ganha força e atualidade quando associada aos ataques racistas sofridos por Vinícius Júnior que, ao se destacar no futebol europeu, se tornou alvo de discursos e práticas que revelam a persistência do racismo estrutural. A canção de Emicida, quando acionada em um post de apoio ao jogador, intensifica a dimensão política dessas enunciações públicas, funcionando como um grito coletivo que reivindica dignidade, justiça e reconhecimento frente às violências que tentam silenciar corpos negros em ascensão.

Figura 8: post com print de tela

Fonte: post collab entre os perfis movimentoblackrs e kirionlm no Instagram¹⁵

Paveau, assim como Santaella e Brait, destaca a centralidade da imagem nos tecnodiscursos; entretanto, consideramos relevante enfatizar também a dimensão sonora, explorada na composição do corpus que analisamos. Em nossas análises, observamos que canções com temática antirracista são mobilizadas em posts de enfrentamento ao racismo em apoio ao jogador Vinicius Júnior. As mensagens de denúncia e apelo ao combate à discriminação racial contidas nessas músicas são incorporadas às publicações, intensificando seu efeito persuasivo. Assim, os posts articulam sistemas semióticos visuais, verbais e sonoros de forma imbricada, produzindo jogos de sentido que contribuem para a construção de discursos de resistência. Dessa forma, torna-se evidente o que sublinha Paveau, ao afirmar que a internet é “o lugar da multimídia”, e as produções plurissemióticas são características dos discursos nativos digitais.

É importante ressaltar que a verbivocovisualidade dos posts não se deve apenas à integração de mais de uma materialidade sígnica manifesta, mas, sobretudo, porque essas materialidades constroem um conjunto equilibrado e inseparável. Dessa maneira, mostra-se a pertinência de relacionar a concepção de verbivocovisualidade às discussões relativas à enunciação material visual e à iconização do texto propostas na Análise do Discurso Digital. Como nos explica Paveau (2022), o sentido é produzido no compósito formado por uma única ordem verbo-icônica, o tecnografismo, e não apenas a partir das ordens articuladas e que dialogam de maneira autônoma.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões teóricas apresentadas na primeira parte de nossas discussões precisam ser revisitadas e, muitas vezes, ampliadas, ao pensarmos no ambiente digital de interação, diante da emergência de textos compostos por semioses imbricadas, em coprodução, construindo diferentes possibilidades de sentido. Assim, além de reafirmar-se a necessidade de refletir sobre o papel da imagem, que passa a ocupar lugar de destaque nas produções nativas digitais, também se mostram de extrema relevância estudos dedicados a investigar como as dimensões verbais, visuais e sonoras estão integradas e são empregadas nas publicações em um ecossistema digital, como no caso do Instagram, no qual os posts analisados por nós foram produzidos.

¹⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C8CnUeBO9He/?igsh=MW1ocGV3cGFsd3hyZA==>. Captura de tela em: 17 jun. 2024.

É pertinente analisar como o material sínico se manifesta nas produções textuais contemporâneas, especialmente, mediante uma grande disponibilidade de recursos tecnológicos voltados a essa finalidade. Luciane de Paula (2017, p. 184) afirma que a tridimensionalidade pode ser mais ou menos evidente e pondera, ao refletir sobre o diálogo entre a vida e a arte, que “na construção do discurso artístico, quando em diálogo com a contemporaneidade, encontram-se diversos meios de criação verbo-voco-visual”. Tal afirmação parece contemplar as produções nativas digitais que apresentam intenso hibridismo plurissemiótico, explorando profundamente as potencialidades imagética, verbal e sonora.

Também foi possível observar como variados tecnografismos são interpretações de produções já existentes e podem colaborar com movimentos de militância que ocorrem atualmente nas redes sociais, possibilitando a representação de posicionamentos a respeito de questões de grande relevância para a sociedade. É uma construção discursiva plurissemiótica, compósita, em que o uso do tecnografismo contribui com as numerosas transformações e ressignificação discursiva, construindo possíveis novos efeitos de sentido e ampliando a capacidade persuasiva das produções nativas digitais, como os exemplos analisados, possibilitados pela hashtag militante #racistasnãoopassarão.

As produções plurissemióticas ou multimidiáticas elaboradas on-line integram várias mídias e são fruto de ferramentas digitais no universo conectado e tal fato inegável reforça a ideia de uma enunciação visual, com a qual as pesquisas no campo da linguística precisam lidar. Dessa maneira, a “enunciação material”, discutida mais recentemente nos estudos de Paveau, parece, de fato, estabelecida nas práticas tecnodiscursivas popularizadas na produção de posts no Instagram. É importante compreender como, no ambiente digital, as fronteiras entre verbal, imagético e sonoro são redimensionadas e construir ferramentas analíticas que possibilitem os estudos dessa tridimensionalidade. As formas como essas linguagens estão integradas adquirem novos contornos e elas ganham grande plasticidade, tornando-se elementos de matéria híbrida, compósita e não mais isolados na dicotomia verbal versus não verbal. Faz-se necessário continuar a investigar como são constituídas as dimensões sincreticamente materializadas de maneira evidente para a construção de sentidos nesses textos apontados para a aceitação de uma concepção de linguagem não-logocentrada.

REFERÊNCIAS

BAKTHIN, M. **Teoria do romance I:** a estilística. São Paulo: Editora 34, 2015.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, v. 8, n. 2, p. 43-66, jul./dez. 2013. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568>. Acesso em: 20 set. 2025.

CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade:** a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

COSTA, J; PAVEAU, M-A. Imagem e discurso: uma enunciação material visual. **Fórum Linguístico**, v. 18, p. 5788-5795, jul./2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2021.e82170>. Acesso em 05 abr. 2024.

'DEUS perdoe essas pessoas ruins': frase de Gabigol foi tatuada por Adriano Imperador, ex-Flamengo. **O Globo**. Rio de Janeiro, Esportes, 16 nov. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/futebol/flamengo/noticia/2023/11/16/deus-perdoe-essas-pessoas-ruins-frase-de-gabigol-foi-tatuada-por-adriano-imperador-ex-do-flamengo-entenda.ghtml>. Acesso em: 15 jun. 2024.

GUNTHERT, A. L'image conversationnelle. **Études photographiques**, 31, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/etudesphotographiques/3387>. Acesso em: 20 set. 2025.

MITCHELL, W. J. T. **Iconology**: image, text, ideology. The University of Chicago Press, Chicago and London, 1986.

OLIVEIRA, D. de. O racismo estrutural deve ser discutido a partir das profundezas, não das superfícies: entrevista com Dennis de Oliveira. Entrevista cedida a Cláudia Nonato e Edilaine Heleodoro Felix. **Comunicação & Educação**, v. 30, n. 1, p. 197–205, jan./jun. 2025. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/234670>. Acesso em: 25 jul. 2025.

OLIVEIRA, D. de. **Racismo estrutural**: uma perspectiva histórico-crítica. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. **Estudos Linguísticos**, v. 49, n. 2, p.706-722, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v49i2.2691>. Acesso em: 20 set. 2025.

PAULA, L. de; SERNI, N. M. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical. **Raído**. v. 11, n. 25, p. 178–201, 2017. DOI: <https://doi.org/10.30612/raido.v11i25.6507>. Acesso em: 17 ago. 2024.

PAVEAU, M.-A. "Feminismos 2.0: Usos tecnodiscursivos da geração conectada." In: COSTA, J. L.; BARONAS, R. L. (org.). **Feminismos em convergência**: discurso, internet e política. Grádios Editor: Coimbra, 2020. p. 21-50.

PAVEAU, M-A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Tradução de Júlia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas-SP: Pontes, 2022.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, L. Uma imagem é uma imagem, é uma imagem, é uma imagem... **Tríade: comunicação, cultura e mídia**, v.3, n. 5, p. 10-19, jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/2258>. Acesso em: 20 set. 2025.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Ed. 34, 2019.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Declaração de contribuição dos autores

Todas as duas autoras contribuíram com a produção do artigo. Todas elas participaram do levantamento de dados e colaboraram na redação e revisão do artigo. Especificamente, a primeira autora contribuiu na redação de todas as seções do artigo e na revisão da redação do artigo; a segunda autora colaborou na orientação e revisão da redação do artigo.

Declaração de uso de IA

As autoras declaram que utilizaram ferramentas de Inteligência Artificial (IA) na produção deste artigo científico. Em particular, os autores usaram o ChatGPT para auxiliar no processo de revisão linguística e gramatical, garantindo maior clareza e precisão na redação final.

Agradecimentos

Agradecemos aos pareceristas que avaliaram o trabalho que, com suas sugestões teóricas e metodológicas, contribuíram para o aprimoramento do texto.

Artigo recebido em: 27/04/2025

Artigo aprovado em: 01/08/2025

Artigo publicado em: 03/10/2025

COMO CITAR

SANTOS, D. M.; PEREIRA, S. V. M. Verbivocovisualidade e tecnografismo em práticas tecnodiscursivas: sentidos em construção no Instagram. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 14, p. 1-20, e02514, 2025.

